

Animais na erraticidade - e se eu lhe contasse uma história?

Então, caro leitor, vou lhe narrar um caso.

Na família, tínhamos uma cachorrinha de nome Bolinha. Não se adaptou à vida “apertada” no apartamento, motivo pelo qual encontramos uma pessoa amiga que assumiu o compromisso de cuidar dela.

Algum tempo depois, fomos visitá-la no novo lar e percebemos a alegria dela no novo ambiente. Sonhava dormir em no quanto - não permitimos isso de maneira alguma - mas a nova cuidadora lhe concedeu essa liberdade. Além disso, havia o espaço: a casa fora construída em um lote de área razoável, aliás, bem grande para o tamanho dela.

Passado um bom tempo, já com a idade avançada, por problemas de saúde acabou morrendo. Fomos avisados sobre esse lamentável evento

Entra ano, passa ano, acabamos por esquecê-la. Mas certa noite, altas horas, senti o seu trotar pelo meu quarto. O fato também foi percebido pela minha esposa e uma filha que “adora” dormir bem tarde.

E assim, ficamos convencidos da existência de animais no plano espiritual.

Sim, já sei, você me dirá: “Os espíritos da codificação disseram não existir animais na erraticidade”. É certo que até citará a questão 600 de *O Livro dos Espíritos*, como fundamento.

Sinto, porém, informa-lhe, que você não seguiu o exemplo de Allan Kardec, o insigne Codificador do Espiritismo, e talvez nem pensa em “*ser mais realista que o rei*”. Mas que exemplo, nos perguntará? Pois bem, vamos relatar qual foi o comportamento de Allan Kardec numa situação exatamente igual.

No mês de maio de 1865, foi publicado na *Revisa Espírita* o artigo “Manifestação do Espírito de animais”, que menciona uma carta enviada por um senhor da cidade de Dieppe ao Codificador. Nela, narrava que a cadelinha Mika, uma linda galga pertencente a seu filho falecido, apareceu-lhe - fato

testemunhado pela esposa e por uma filha.

Será que Allan Kardec disse “*isso non ecziste!* Os Espíritos afirmaram que não há animais errantes”? Claro que não. Prudente e com o bom senso à flor da pele, ponderou:

“Nosso honrado correspondente age sabiamente ao não decidir a questão; **de um único fato que não é ainda senão uma probabilidade**, não tira uma conclusão absoluta; ele constata, observa, à espera de que a luz se faça. Assim o quer a prudência. **Os fatos desse gênero não são ainda nem bastante numerosos, nem bastante averiguados para deles deduzir uma teoria afirmativa ou negativa.**” (*Revista Espírita 1865*, IDE, 2000, p. 131-132)

Portanto, o Codificador não negou a realidade do fenômeno; apenas afirmou que um só caso não era suficiente para estabelecer um princípio doutrinário.

Como existem inúmeros registros de manifestações de espírito de animais (ver nosso ebook: <https://paulosnetos.net/article/animais-percepcoes-manifestacoes-e-evolucao-os-ebook>), julgamos ser chegada a hora de aceitamos isso como realidade, ainda que os Espíritos tenham negado. Aliás, também negaram a posse física de um encarnado por um desencarnado, mas diante dos fatos – possessos de Morzine e o caso da Srta. Julie – Allan Kardec passou a aceitar, registrando sua nova posição em *A Gênese*.

Algo que entendemos se de grande importância para nossa reflexão: o Codificador corrigiu a informação dada pelos Espíritos, aceitando o resultado que os fatos lhe impunham. Agiremos dessa mesma forma, ou continuaremos fingindo que não existem animais no plano espiritual?

Paulo da Silva Neto Sobrinho

Abr/2026